

ABORDAGEM PARA A NOVA RELAÇÃO ENTRE LEIGAS, LEIGOS E IRMÃOS

O SEGUIMENTO DE JESUS, QUE IRMÃOS E LEIGOS SE PROPÕEM, DESPERTA INSACIÁVEL ATITUDE DE BUSCA E DE INVESTIGAÇÃO

*Cremos que a nova relação entre Irmãos e Leigos exige de nós a mesma audácia e criatividade de Champagnat. Assumir um **itinerário de conversão**: saber morrer para viver.*

O seguimento de Jesus, que Irmãos e Leigos se propõem, desperta insaciável **ATITUDE DE BUSCA E DE INVESTIGAÇÃO**. “Mover-nos, desprender-nos, assumir um itinerário de conversão”, nos dirá o Capítulo Geral XXI. É o deslocamento e o itinerário que Maria e Champagnat viveram. É “remar mar a dentro” e “passar para a outra margem”, como nos assinala Jesus. É experiência de peregrinação e de busca. Experiência de medo e admiração, de dúvida e confiança. Assumimos a condição de itinerantes. Como Newman, dizemos: Viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado com frequência.

Segundo um autor: “A fidelidade não consiste em permanecer sempre no mesmo lugar, senão em mover-se, sistematicamente, para o que proporcione maior plenitude e convicção da alma, maior clareza da mente e integridade do coração”. Estamos conscientes, como estiveram os capitulares, de que a vida marista está sendo instigada a entrar numa dinâmica de êxodo, de deslocamento, que leve os Irmãos e os Leigos a abandonarem respostas do passado que não satisfazem mais, e não nos dão segurança, para seguir os caminhos que conduzem à terra prometida, atravessando o deserto.

Aos Irmãos e Leigos o Senhor exige disposição para assumir um itinerário de conversão. Esse itinerário se converte em deslocamento interior para poder passar da dependência à autonomia e à liberdade; dos momentos espirituais para um estilo de vida segundo Deus. É um deslocamento na missão para passar de obras dos Irmãos para obras maristas; de funcionários do Evangelho para testemunhas do Senhor. É um deslocamento na relação, passando da suplência para a colaboração, da superioridade para a fraternidade, do distanciamento para a aproximação, de convidados a companheiros de caminho. A conversão supõe passar do protagonismo ao ocultamento evangélico, do centralismo à corresponsabilidade, do dirigir ao acompanhar e animar. Para José Cristo-Rey, este momento requer passar da teoria à prática, das diferenças ministeriais à igualdade fundamental, do masculino à igualdade de gênero, do hierárquico excludente para a autoridade como



Subida ao nevado, durante o encontro em Quito.

ficha

10

serviço, dos símbolos, gestos e ritos de submissão à fraternidade que une.

Para nos colocarmos a caminho para a nova terra precisamos de viver uma espiritualidade de mudança, que somente nasce do Espírito de Deus. “Sem crer no Deus da mudança nos condenamos à banalidade do parcial”, dirá Joan Chittister. cremos que a novidade proposta pelo último Capítulo Geral tem esse tom, que implica mudança de mentalidade, muito discernimento, muita disponibilidade, renúncia às seguranças, aceitação de riscos e uma profunda confiança em Deus, a exemplo de Maria.

A exploração e a busca deveriam nos levar a experimentar e criar novos modelos de vida e missão maristas que ajudem os Irmãos e Leigos em sua vocação comum e específica (Encontro St. Paul); favoreçam o nascer da aurora de uma nova vida marista (Leigos da Venezuela); promovam a vivência do carisma marista a partir da perspectiva da mulher, integrando em nossas vidas elementos marianos como a tenacidade, a resistência, o carinho maternal, a ternura, a atenção aos detalhes e à intuição em nossa experiência cotidiana (EMM 25), a responsabilidade de animar a pastoral vocacional marista conjunta e específica que multiplique os membros de nossa família (EMM 147).

Esse caminho de conversão nos pede também a busca de melhor articulação dos Leigos no Instituto, e a organização que suponha crescer em corresponsabilidade, autonomia e comunhão. O documento EMM nos diz muito bem: “À medida que caminhamos juntos surgirão novas formas de relacionamento, cada vez mais profundas, que demandarão novas estruturas que acolham e impulsionem a vitalidade e permitam aprofundar melhor a relação entre Irmãos e Leigos” (99 e 134). Assim nos lembrou a Assembleia de Mendes: “Necessitamos de articular o futuro da vocação leiga marista e suas estruturas organizativas”. Parece-nos normal pensar em integrar os Leigos, inclusive nos organismos de governo, especialmente os que afetam a missão, porém, também, os que afetam a vida, o carisma, a instituição, como capítulos provinciais, prioridades da Província, formação no carisma... A novidade dos leigos também virá por uma tomada de consciência da responsabilidade de assumirmos o dom do carisma para cultivá-lo e dá-lo a conhecer; ser criativo na maneira de organizar-se e na criação dos meios necessários para dar respostas ao seguimento de Jesus na missão e na vida partilhada, entre outros.

Cremos, igualmente, que nossa conversão passa por processos formativos consistentes para aprofundar nossa identidade marista (CG XX, 29), revitalizar nosso carisma (EMM 156) e recriar nossa espiritualidade a partir de uma forte experiência de Deus.

A casa renovada de l’Hermitage é para nós um ícone desse trabalho de renovação e conversão que neste momento une Irmãos e Leigos, como nos recordou o Ir. Emili. A construção de l’Hermitage e seu desenvolvimento constituiu uma aventura semeada de dificuldades e de contradições. É o caminho de um grupo de homens que, guiados por um líder clarividente, arraigados na fé e em uma visão de futuro cheia de esperança, os fez capazes de ir contracorrente, de sonhar juntos um mundo melhor para as crianças e jovens pobres.

l’Hermitage, construído por São Marcelino, não foi uma obra concluída uma vez por todas; ao longo dos seus 185 anos de história, l’Hermitage conheceu transformações: novos edifícios foram construídos e outros reformados. A renovação de l’Hermitage também teve que enfrentar problemas. Ele é um ícone, um forte sinal da importância de assumir em nossas vidas a realidade do mistério pascal: morrer para viver.

Cremos que a nova relação entre Irmãos e Leigos exige a mesma audácia e a mesma criatividade de Champagnat: saber morrer para viver.



Para refletir

Grupo formação conjunta em St.Paul

Leituras que podem ajudar

- Mensagem dos leigos durante o Capítulo Geral XXI
- Carta do Capítulo Geral XXI

Saber morrer para viver é a dinâmica que nos propôs o último Capítulo geral. Itinerância, deslocamento, conversão... Morrer para o velho, atravessar o deserto. É fácil para você precisar os elementos de conversão pessoal que neste momento o Senhor lhe pede? O que indicaria para uma renovação institucional?

O que precisa morrer em mim para que nasça essa nova relação?

Custa-nos aceitar que para algo novo nascer, alguma coisa tem que morrer. Resistimos à morte. Uma nova relação entre Irmãos e Leigos. O que precisa morrer em mim para que esta nova relação nasça? (Ir. Emili)

Confrontar-me:

- No seguimento de Jesus, como Leigo ou Irmão, anima-me a atitude de pessoa que busca?
- Entendo que a nova terra exige mover-me, desprender-me, assumir um itinerário de conversão?
- Mesmo que me custe, assumo que devo abandonar respostas do passado?
- Creio que a fidelidade não consiste em permanecer sempre no mesmo lugar, mas mover-se, sistematicamente, para tudo quanto proporcione maior plenitude?
- Na nova relação, creio que a conversão supõe passar do protagonismo ao ocultamento evangélico, do centralismo à colegialidade, do dirigir ao acompanhar?
- Estaria eu disposto a experimentar novos modelos de vida marista, a renunciar seguranças, assumir riscos e pôr mais minha confiança no Senhor?.